

UM OLHAR VIVIDO PARA O SENTIDO DO TRABALHO

Débora Costa¹
Rejane Nascimento²

RESUMO

O artigo teve como objetivo investigar os sentidos do trabalho para sujeitos já aposentados e suas narrativas de prazer e sofrimento que tiveram em sua vida laboral. Este estudo priorizou entrevistar pessoas aposentadas, partindo do interesse em dar voz às pessoas que já trabalharam ao longo da vida e desvelar, para esse público, o sentido e os pilares do trabalho. Foi utilizada a metodologia qualitativa, composta por entrevistas e análise de narrativa. Foram 20 sujeitos participantes da investigação, todos aposentados. Os resultados da pesquisa evidenciam que os entrevistados encontram no trabalho uma estratégia para concretizar o projeto identitário de ser alguém diante do mundo. Ou seja, é através dele que o sujeito cria sua identidade psicológica e social. De maneira complementar, pôde-se notar nas narrativas a vivência de prazer e sofrimento no trabalho e a evidência do trabalho como laço social e fonte de sublimação.

Palavras-chave: Trabalho, Sentidos do trabalho, Prazer e sofrimento; Laço social; Fonte de sublimação.

A LIVING LOOK AT THE MEANING OF WORK

ABSTRACT

The article aimed to investigate the meanings of work for retired subjects and their narratives of pleasure and suffering that they had in their working lives. This study prioritized interviewing retired people, starting from the interest in giving voice to people who have worked through life and to reveal, for this audience, the meaning and pillars of work. The qualitative methodology was used, composed of interviews and narrative analysis. There were 20 subjects, all retired. The research results show that the interviewees find in the work a strategy to concretize the identity project of being someone in front of the world. That is, it is through him that the subject creates his psychological and social identity. In a complementary way, it could be noticed in the

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

² Unigranrio

narratives the experience of pleasure the suffering in the work and the evidence of the work as social tie and source of sublimation.

Key words: Work, Sense of work, Pleasure and suffering; Social bond; Source of sublimation.

UNA MIRADA VIVIDA PARA EL SENTIDO DEL TRABAJO

RESUMEN

El artículo tuvo como objetivo investigar los sentidos del trabajo para sujetos ya jubilados y sus narrativas de placer y sufrimiento que tuvieron en su vida laboral. Este estudio priorizó entrevistar a personas jubiladas, partiendo del interés en dar voz a las personas que ya trabajaron a lo largo de la vida y desvelar, para ese público, el sentido y los pilares del trabajo. Se utilizó la metodología cualitativa, compuesta por entrevistas y análisis de narrativa. Fueron 20 sujetos participantes de la investigación, todos jubilados. Los resultados de la investigación evidencian que los entrevistados encuentran en el trabajo una estrategia para concretar el proyecto identitario de ser alguien ante el mundo. Es decir, es a través de él que el sujeto crea su identidad psicológica y social. De manera complementaria, se pudo notar en las narrativas la vivencia de placer el sufrimiento en el trabajo y la evidencia del trabajo como lazo social y fuente de sublimación.

Palabras clave: Trabajo, Sentidos del trabajo, Placer y sufrimiento; Lazo social; Fuente de sublimación.

INTRODUÇÃO

As perspectivas psicológicas que são utilizadas para analisar o mundo do trabalho são diversas e estão bem distantes de encontrar uma unicidade. Diante da pluralidade de linhas de estudos, pode-se identificar abordagens cognitivas, sociais e clínicas. A abordagem cognitiva, relacionada à psicologia do trabalho, interessa-se pela forma com que as pessoas elaboram as informações que recebem no ambiente de trabalho e a atividade que estão designadas a realizar. A psicologia social do trabalho articula o trabalho a processos sociais amplos como estruturas de poder, organizacionais e representações sociais. E as clínicas do trabalho estudam a relação do trabalho com a subjetividade do sujeito e as situações de vulnerabilidade no trabalho expressadas pelo sofrimento (BENDASSOLLI E SOBOLL, 2011a).

As clínicas do trabalho podem se subdividir em: Clínica da Atividade (Yves Clot); a Psicossociologia (Vicent de Gaulejac, Eugéne Enriquez,); a Ergologia (Yves Schwartz) e a Psicodinâmica do Trabalho (Christophe Dejours).

O estudo das emoções no trabalho, assim como sua dimensão psíquica e a relação desta com as chamadas patologias do trabalho, foi inicialmente abordado pelo campo de estudos do trabalho denominado Psicodinâmica do Trabalho. Esta é representada principalmente pelos estudos de Christophe Dejours, têm seus fundamentos na psicanálise, na ergonomia e na sociologia do trabalho, e estuda as inquietações do trabalho e o seu papel na saúde e adoecimento dos trabalhadores. Esta clínica também engloba as emoções e sentimentos dos trabalhadores em seus estudos.

Mendes e Araújo (2012) destacam que a psicanálise, e principalmente, os escritos de Freud, tiveram uma contribuição fundamental para a psicodinâmica. As autoras evidenciam que, na visão do referido autor, o trabalho é tanto uma atividade profissional, quanto uma atividade psíquica, sendo esses dois sentidos do trabalhar importantes para a psicodinâmica e base para entendimento do tema trabalho neste estudo.

No ensaio de Freud intitulado “O mal estar na civilização” (1930), o trabalho foi mencionado em uma nota de rodapé, e ao discorrer sobre o mesmo, o autor aborda três importantes pontos fundamentais para o tema: o trabalho como formador de laço social; o trabalho como fonte de sublimação e a aversão natural do homem ao trabalho.

Para autores como Antunes (1999; 2000), Morin, Tonelli e Pliopas (2003), Clot (2007), Ferreira, Macêdo e Martins (2015), o trabalho teve e continua tendo um papel central na vida do sujeito e na construção e formação de sua identidade. Em relação ao conceito de trabalho e emprego, para estes autores, pode se considerar como trabalho toda atividade remunerada que produz sentido ao trabalhador. Já o emprego são as atividades que possuem vínculo legal e que o sujeito realiza pela necessidade de promover seu próprio sustento (MORIN, 2001; MORIN, TONELLI e PLIOPAS, 2003).

Para tanto, o presente artigo investiga os sentidos do trabalho para sujeitos já aposentados e suas narrativas de prazer e sofrimento que tiveram em sua vida laboral. Este estudo priorizou entrevistar pessoas aposentadas, partindo do interesse em dar voz

às pessoas que já trabalharam ao longo da vida e desvelar, para esse público, o sentido e os pilares do trabalhar.

O TRABALHO E SEUS SENTIDOS PARA OS INDIVÍDUOS

A linha teórica que será utilizada no presente artigo é a da Psicodinâmica do Trabalho representada principalmente pelos estudos de Dejours, que tem seus fundamentos na psicanálise, na ergonomia e na sociologia do trabalho. A perspectiva utilizada sobre o trabalho nesse estudo é a da psicodinâmica, de prazer e sofrimento, aliada a ideia de Freud (1920) de que a atividade do homem caminha em duas direções: busca de ausência de sofrimento ou de desprazer e a busca incansável pelo prazer.

Nesse contexto, Mendes e Araújo (2012) mencionam que a concepção de sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente, está integrado do ponto de vista teórico ao sujeito da psicodinâmica do trabalho, ou seja, o sujeito do prazer e do sofrimento. Essa articulação permite dizer que o sujeito das clínicas do trabalho é o sujeito que busca lutar contra a loucura do trabalho, as suas patologias e a doença mental.

Mendes e Araújo (2012) evidenciam que para Freud, o trabalho pode ser a atividade profissional e a atividade psíquica e esses dois sentidos do trabalhar são importantes para a psicodinâmica, que entende e analisa o trabalho, como um trabalho psíquico. E para o presente estudo, o trabalho será analisado por estes dois pontos, como atividade profissional e como atividade psíquica.

No ensaio de Freud “O mal estar na civilização” (1930), o trabalho foi mencionado da seguinte forma:

Quando numa pessoa não existe uma disposição especial que prescreva imperativamente a direção que seus interesses na vida tomarão, o trabalho profissional comum, aberto a todos, pode desempenhar o papel a ele atribuído pelo sábio conselho de Voltaire. Não é possível, dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. A atividade profissional constitui fonte

de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de forças pulsionais persistentes ou constitucionalmente reforçadas. No entanto, como caminho para

a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis. (FREUD, 1930 pp. 87-88)

Ao discorrer sobre o trabalho, o autor argumenta três pontos importantes que servirão como pilares para o estudo: o trabalho como formador de laço social; o trabalho como fonte de sublimação; e a aversão natural do homem ao trabalho.

No início da citação acima, Freud (1930) menciona o trabalho como formador do laço social, onde a identidade do sujeito é formada, onde ele experimenta a possibilidade do real e também desloca energia libinal de diferentes categorias para os relacionamentos humanos. Gaulejac (2007, p. 157) afirma, nessa mesma direção, que “o trabalho tem sentido visto que dá o sentimento de contribuir para uma obra coletiva e que cada atividade tem um fim fora de si mesma”. Ainda nesse sentido, Bendassolli e Soboll (2011b) ressaltam que as clínicas do trabalho defendem o trabalho como uma atividade simbólica e constitutiva do laço social, reafirmando a centralidade psíquica e social do mesmo. Trabalhar é uma atividade social, que vai muito além da tarefa propriamente dita, é algo que necessita da presença do outro e onde se compartilham prazeres, sofrimentos e defesas (MENDES; ARAÚJO, 2014).

Mais adiante, Freud (1930) enfatiza o trabalho como fonte de sublimação, onde se tem a possibilidade de realizar uma descarga de energia psíquica, trazendo ao sujeito sensação de equilíbrio e prazer. Em complemento, a psicodinâmica prevê ao trabalho um lugar central na vida do sujeito, por conta da formação da identidade, e também como uma possibilidade de sublimação, que ajuda o indivíduo na construção e manutenção do seu equilíbrio mente e corpo (MENDES, 1995). “Neste sentido, o trabalho pode ser considerado como o lugar de satisfação sublimatória, quando o trabalhador transfere sua energia pulsional, que inicialmente é dirigida para as figuras parentais com objetivo de satisfação imediata, para as relações sociais com satisfação mais altruísta” (MENDES, 1995 p.3).

Ao mencionar a aversão natural do homem ao trabalho, Freud (1930) afirma que os humanos não se esforçam para o trabalho o tanto que fazem para outras possibilidades

de satisfação. Essa afirmação nos remete à origem da palavra trabalho, como *tripallium*, instrumento de tortura, e nos leva a refletir se o mesmo é visto até hoje então como

castigo, padecimento, cativo. Na mesma linha de pensamento, Chauí (2000) ressalta que no mito da criação, a história de Adão e Eva é contada remetendo o trabalho como castigo, eles teriam suor e sofrimento para se alimentarem e Eva enquanto mulher sentiria também as dores do 'trabalho' de parto para a construção da família. Com isso percebe-se o quanto o trabalho ainda é característico de algo sofrido e punitivo e que o sujeito se vê diante de um dilema ao perceber o quanto ele é importante em sua vida, como irão tratar os autores mais adiante.

A Obra de Freud "Além do Princípio de Prazer" (1920) trouxe uma contribuição relevante para a clínica da Psicodinâmica no entendimento do prazer e sofrimento no trabalho:

O trabalho é regido pelo princípio de realidade. As regras, a disciplina e os controles são elementos constitutivos do mundo do trabalho. A pulsão voltada para o prazer é constantemente resignificada nesse contexto. O limite, a lei e a castração são preços a serem pagos por trabalhar. (MENDES; ARAÚJO, 2012 p. 26).

Ainda segundo as autoras, o trabalho pode atuar como um estruturante psíquico, e pode também desestruturar a pessoa que não está funcionando com base no princípio de realidade. O princípio de realidade caracteriza-se pelo adiamento da gratificação, diferentemente do princípio do prazer que leva o sujeito a buscar o prazer e evitar o desprazer sem restrições. Vivenciar o princípio de realidade é dar conta das consequências dos próprios atos e das imposições do mundo real.

Ainda sobre o princípio de realidade, Dejours (2004; 2012), coloca que trabalhar é preencher a lacuna existente entre o prescrito e o real e o que será necessário para preencher essa lacuna não tem como prever antecipadamente. [...] "o trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc." (DEJOURS, 2004, p.28). E coloca que o grande desafio é que ao final, o trabalho confronta o trabalhador com o real, o real do mundo que é vivenciado também pela experiência do

fracasso, “real que transmuta e em seguida em enigma a ser decifrado e vencido” (DEJOURS, 2012b, p.18).

E os autores Dejours, Abdoucheli e Jayet (2015) complementam que o trabalho é primordial para a saúde mental e a construção da identidade do sujeito. Dejours (2012b), ressalta que além do estruturante psíquico, o trabalho também traz um caráter emancipatório.

Assim, o trabalho como atividade profissional e atividade psíquica, não é algo suportado por todas as pessoas. Nesse sentido, o sujeito “pode ter um emprego, um trabalho que possibilite sobrevivência, status e poder, mas não há o trabalhar no sentido mencionado acima, ou seja, um trabalho que constitua o sujeito na sua identidade” (MENDES; ARAÚJO, 2012 p. 26).

Clot (2007) conclui, após longas pesquisas, que o trabalho continua tendo um papel central na sociedade e que nele reside uma função essencial de formador da identidade que não pode ser substituída por nenhuma outra atividade. Assim como Freud (1930), Clot afirma que é no trabalho que se constrói a identidade e saúde do sujeito e que também se vive “a experiência dolorosa e decisiva do real, entendido como aquilo que – na organização do trabalho e na tarefa – resiste à sua capacidade, às suas competências, ao seu controle” (CLOT, 2007 p. 59).

Antunes (1999; 2000) afirma que apesar das transformações e metamorfoses ocorridas nas últimas décadas, a categoria trabalho, como o autor se refere, não perdeu seu papel central na sociedade contemporânea. E complementa que mesmo diante de tendências como intelectualização do trabalho fabril, incremento do trabalho qualificado e até a subproletarização, “não permitem concluir pela perda dessa centralidade no universo de uma sociedade produtora de mercadorias” (ANTUNES, 2000 p.214).

Na mesma direção que Clot (2007) e Antunes (1999; 2000), Ferreira, Macêdo e Martins (2015) reafirmam que:

O trabalho pode desempenhar um papel de destaque na construção da identidade, ou seja, na construção do que representa o próprio alicerce da saúde mental e somática. Surgem duas consequências: o trabalho não é obrigatoriamente uma infelicidade, pode mesmo ser um operador de saúde, ao ponto de que, graças ao trabalho, certos sujeitos estejam mais bem estabelecidos

em sua identidade do que se não trabalhassem. Para alguns, a relação no trabalho pode mesmo tornar-se a viga mestra da identidade e da saúde, enquanto a construção de sua identidade na esfera erótica e afetiva está questionada (FERREIRA, MACÊDO E MARTINS, 2015 p. 35)

Em pesquisas realizadas sobre o trabalho, Morin, Tonelli e Pliopas (2003), afirmam que este tem um papel central na vida do sujeito e na formação da identidade pessoal e social. E que pontos como autonomia, segurança, aprendizagem, reconhecimento, ser fonte de renda para o próprio sustento, são fundamentais para o que trabalho faça sentido. E os autores complementam que algumas razões que fazem as pessoas trabalharem são o trabalho ter relação com a vocação do sujeito, trazer a pessoa um sentimento de vinculação, relacionar-se com outras pessoas, ter um objetivo na vida, ter alguma ocupação no seu dia e fugir do tédio.

Para Ferreira, Macêdo e Martins (2015 p. 46) “não há neutralidade no trabalho: ele é operador de saúde ou de doenças; pode ser utilizado em proveito da reapropriação e pode gerar alienação, a ruína do desejo de viver levando à doença mental ou somática”. E esta afirmação é elucidada na pesquisa de Coutinho (2009), que após analisar trajetórias de trabalhadores de diferentes coletivos, o trabalho se revela como elemento chave na vida dos sujeitos entrevistados, sendo destacada sua posição de centralidade na vida deles.

O trabalho também pode atuar como mediador da emancipação do sujeito, pois ele é um meio de acessar a experiência com o mundo. No entanto, para que o trabalho medie a emancipação, é importante que se encontre algumas condições como confiança, que se tenha um espaço interno para fala e a abertura para discussão e deliberação em relação aos ajustes, para que se busque um arranjo organizacional interessante para todos os públicos (MORAES, 2015).

Ronchi (2016) expõe que os indivíduos necessitam de um trabalho que atenda aos seus desejos e aspirações de realização, para assim, contribuir com a formação da sua personalidade. No entanto, ele salienta que nem todos conseguem trabalhar nessas condições, fazendo com que então o trabalho possa ser degradante e despersonalizador. Moraes (2015) aborda as estratégias de defesa, que por um lado funcionam para defender o sujeito do sofrimento, a fim de evitar descompensação psicopatológica e por outro lado, atuam de forma a resistir às mudanças organizacionais.

Pode-se, então, entender que a forma de se organizar o trabalho, as condições para sua realização e os vínculos gerados são determinantes para indicar quais os níveis de desgastes existentes neste processo. Existem duas ordens distintas para compreender o funcionamento psíquico no trabalho, os fatores de natureza racional e cognitiva, a dimensão afetiva e relacional do indivíduo. Quando o

trabalho não permite aos indivíduos uma descarga da tensão psíquica, ele repercute negativamente sobre o trabalhador (RONCHI, 2016 p. 68)

Gaulejac (2007) ao reafirmar a importância do trabalho no universo humano, afirma que o trabalho tem um papel econômico, existencial e identitário e complementa caracterizando o trabalho por cinco elementos significativos:

O ato de trabalho, levando à produção de um bem ou de um serviço; a remuneração, como contrapartida dessa produção; a pertença a um coletivo, uma comunidade de profissionais; a colocação em prática de uma organização que fixa a cada um seu lugar e sua tarefa; e, finalmente, o valor atribuído às contribuições de cada um. (GAULEJAC, 2007 p. 150-151)

Tomando como base as formulações teóricas da psicodinâmica do trabalho, pode-se entender que o trabalho não é lugar apenas de sofrimento ou apenas de prazer, pois esse estado está relacionado à dinâmica interna das situações e forma que o trabalho está organizado. E que em certas circunstâncias este pode favorecer condições que estabilizam o sujeito, neutralizando o sofrimento, que por diversas vezes é existencial, [...] “assumindo este papel quando as exigências pulsionais correspondem aos desejos inconscientes do sujeito, e tem lugar o processo de sublimação e/ou o processo de mobilização subjetiva, que permite a transformação do sofrimento” (MENDES, 1995, p.5).

METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada é de natureza qualitativa (BAUER, GASKELL e ALLUM, 2013), por meio de campo. A coleta de dados do estudo foi a entrevista narrativa. No presente estudo, conforme sugerem Jovchelovitch e Bauer (2013) durante a etapa das entrevistas, foram seguidos alguns passos importantes, descritos na sequência. O primeiro foi a preparação da entrevista, com a exploração do campo e a formulação de questões exmanentes. Depois a fase de iniciação, que envolveu a formulação do tópico inicial para a narração, estimulando a fala do entrevistado. Posteriormente, seguiu-se a

fase da narração central, onde é importante não haver interrupção da narração, somente a realização de encorajamentos não verbais para a mesma continue acontecendo, até que ocorram os sinais de finalização (“coda”).

Em seguida, aconteceu a fase das perguntas, onde somente houve questionamentos para dar sequência à narrativa e não para dar opiniões, discutir contradições e fazer

perguntas sobre atitudes. Finalizou-se, então, com a fase da fala conclusiva, na qual a gravação foi parada, perguntou-se o que necessitava de maiores esclarecimentos e foram feitas as anotações importantes da entrevista realizada.

O artigo utilizou-se da análise de narrativa como método de análise dos dados, partindo do pressuposto ontológico que a realidade é construída socialmente através do convívio e das relações sociais dos indivíduos. Jovchelovitch e Bauer (2013) expõem que as narrativas são infinitas em sua variedade e são encontradas em todos os lugares, visto que, na visão dos autores, contar histórias é uma necessidade humana.

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2013 p. 91)

A realização das entrevistas, que compõem o *corpus* do estudo, foram conduzidas pelas pesquisadoras, de forma presencial e no local escolhido pelo próprio sujeito (local de trabalho, residência ou estabelecimento comercial). Todas as entrevistas foram transcritas, tiveram duração média de 50 minutos e foram analisadas com o suporte do software ATLAS TI utilizando-se o método de análise de narrativa.

Os 20 aposentados entrevistados assinaram o termo de consentimento, permitindo que a entrevista fosse gravada e que fossem utilizadas partes das narrativas no trabalho. Os nomes utilizados na análise dos resultados são fictícios, bem como foram excluídas quaisquer características que pudessem identificar os sujeitos da pesquisa.

Foram selecionados para participar da pesquisa: homens e mulheres que trabalharam ao longo de suas vidas e se aposentaram. A pesquisa teve como participantes pessoas entre 61 e 84 anos, todos aposentados, destes 9 mantêm ainda alguma atividade laboral e os outros 11 não. A maioria cursou graduação, 16 entrevistados, e as profissões são de diversas áreas. Os sujeitos foram escolhidos de acordo com o perfil descrito acima e foi utilizado o método conhecido como *snowball* (bola de neve), para o acesso aos possíveis entrevistados. (VINUTO, 2014; BALDIN e MUNHOZ, 2011).

Com base no referencial teórico, utilizou-se para apresentar os dados quatro categorias que serão analisadas a seguir: Trabalho; Prazer e sofrimento no trabalho; Trabalho, o Laço Social e a Exclusão Social; Trabalho como fonte de sublimação.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A seguir serão apresentadas as narrativas dos sujeitos da pesquisa e as análises dos dados, de acordo com as categorias explicitadas anteriormente.

TRABALHO

Esta é uma categoria tem como objetivos captar a forma do sujeito vivenciar seu trabalho, como o percebe em sua vida e verificar a centralidade desse frente a outras atividades do cotidiano. Para alguns autores que tratam da temática do trabalho, a definição deste termo é fastidioso, o que também foi visto no caso dos entrevistados. Como comenta Gaulejac (2007), a discussão do trabalho é ampla por ser esse, um fenômeno social e psicológico. Dejours (2004; 2012) evidencia o trabalho como central, o colocando como equilibrador da psique. Corroborando essa ideia, Mendes e Araújo (2012) definem o trabalho como atividade profissional e psíquica.

José narra ao longo de sua entrevista a relação prazerosa que sempre teve com seu trabalho, afirmando nunca ter tido foco no dinheiro e sim na atividade da qual gostava. Dalva também traz esse viés em sua narrativa:

(...) eu tive uma época na minha vida que eu realmente dava muitas aulas, muitos seminários, participava de MBAs, era um negócio muito complicado porque eu tinha que trabalhar até de madrugada para preparar minhas aulas. Porque eram aulas para executivos né?! Eu viajei o Brasil inteiro montando cursos de mestrados e de *lato sensu* na área de contabilidade. Em diversos estados, o Nordeste quase que inteiro e isso me dava sempre uma movimentação interessante, porque isso não me deixou tempo para pensar naquilo. Mas a partir de determinado momento eu larguei a consultoria, eu larguei essa coisa de dar aulas em outros lugares para me dedicar só a uma atividade que é o mestrado e doutorado, que eu também dou aula na graduação. Quer dizer, que isso na vida das pessoas, exerce uma influência na satisfação que você tem de fazer as coisas. Então é dessa forma que eu vejo. (JOSÉ)

(...) dentro da experiência que eu tive, eu acho que a gente tem que fazer sempre o melhor, não importa o salário, você vai conviver com muitas pessoas que vão falar assim, eu vou fazer o que o meu salário condiz corre disso, nem que for o melhor seu, nada é mais importante que isso, nossa consciência tranquila e a gente assim tá fazendo isso, a gente tá construindo alguma coisa dentro da gente, que a gente vai passar isso pros filhos da gente, pros netos da gente, sem perceber você se torna uma pessoa responsável, cuidadosa, tudo que você adquiriu de qualidade convivendo nesse tempo de trabalho, você convive com gente de toda espécie, então tira o bom pra você guardar e deixa pra lá o resto. (DALVA)

Os dois entrevistados tratam o trabalho como algo além da remuneração, além do que se recebe para realizá-lo. Quando José comenta as atividades profissionais que realizava, as viagens, posteriormente diz que isto “exerce uma influência na satisfação que você tem de fazer as coisas”, demonstrando o equilíbrio mental proporcionado a ele o fato de trabalhar. Da mesma forma, Dalva diz que o trabalho a tornou uma pessoa mais responsável e cuidadosa, ilustrando como a atividade profissional se encontra com a atividade psíquica trazendo ao sujeito sensação de bem-estar ou mal-estar. Os entrevistados remetem o trabalho como equilibrador da mente, indo ao encontro da definição de Mendes (1995) que diz que o trabalho na psicodinâmica é central na vida do sujeito, formador de sua identidade e fonte de equilíbrio para o corpo e para a mente.

É importante destacar que o entrevistado José deixa escapar no meio de sua narrativa uma função importante sobre o seu trabalho: “isso me dava sempre uma movimentação interessante, porque isso não me deixou tempo para pensar naquilo”. Ao

dizer isto, ele se refere à finitude da existência e aos mistérios envolvidos na dinâmica da origem da vida e do destino de todos após a morte, que para este estudo é uma das funções importantes do trabalho na vida das pessoas. Esta questão específica será tratada na categoria “Finitude da Vida (aposentar e parar de viver)”.

Da mesma forma que Dalva se refere ao trabalho como estar “construindo alguma coisa dentro da gente”, outros entrevistados tratam o trabalho como a possibilidade de construção: “Trabalhar pra mim, eu penso que é a gente contribuir na construção de um negócio, de uma empresa, uma atividade” (Paulo). Júlio, assim como Gilson e Reginaldo, também destacam esta finalidade do trabalho:

(...) mas eu acho que trabalhar pra mim é isso, é construir alguma coisa, é participar na construção de alguma coisa, eu acho que assim, tudo na vida passa, eu também não tenho essa ilusão até por experiência do meu pai, quando ele morreu, minha vida ficou um pouco desgovernada e custou a engrenar de novo. (JÚLIO)

(...) a pessoa sente que está construindo alguma coisa. Não é um usuário da vida. Ele está ajudando a fazer a vida. Então você não veio ao mundo pra ser um usuário apenas do mundo, você veio para ajudar a fazê-lo. Pra ajudar a fazer, para ajudar a construir, pra melhorar, com a sua atividade. Não é como alguém rico de nascença que nunca teria produzido nada de útil a ninguém. (GILSON)

Trabalhar pra mim era realização, cumprir objetivos que é uma coisa necessária na empresa privada, você trabalha sob um planejamento estratégico muito forte, tem objetivos a cumprir e é uma coisa altamente desafiadora, então você tinha que perseguir o objetivo aonde ele te levasse né. Isto tudo é trabalhar na construção de algo, é o que te motiva, o que te leva a fazer a atividade todo dia. (REGINALDO)

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) encontram também em suas pesquisas a visão do trabalho como a construção de algo útil, algo que faça sentido para as pessoas. Uma vontade de se eternizar através de uma obra. Diante da angústia da finitude, que José mencionou anteriormente, o sujeito vai escolhendo e se impondo atividades na tentativa de cobrir esta lacuna existencial presente nos indivíduos. Desta forma, as autoras expõem a ideia de se eternizar através de uma obra, ou seja, uma visão onde o trabalho, além de proporcionar uma forma de alienação para não pensar em questões sem respostas da

condição humana, também contribui para deixar a marca das pessoas, para nunca morrerem através daquilo que construíram ao longo de suas vidas.

Helena e Bianca, duas mulheres que cursaram faculdade de cursos vistos à época como masculinos, contam que sempre quiseram ter sua independência e trabalhar fora de casa:

Eu sempre pensei em trabalhar. Eu já fui criada com esse... esse... com esse pensamento, embora minha mãe tenha vindo de uma geração onde as mulheres não trabalhavam né? Ela podia falar: 'ah, você não precisa trabalhar, bobagem porque você vai trabalhar'? Desde criança que ela falava: 'não... tem que né'? Ela não falava: 'vocês vão ter que trabalhar'! Mas assim... (...) 'É tem que formar... tem que formar, tem que ter uma profissão'. Então eu já cresci com esse pensamento, entendeu? Já cresci assim achando natural ter que trabalhar e não: 'ah, eu vou casar, não preciso trabalhar porque o meu marido é rico e tal, e eu vou viver nas costas dele'. Na minha época ninguém mais pensava assim. (...) Eu sempre achei, não, eu vou trabalhar, hoje as crianças nascem falando, ah, quando eu crescer eu quero ser isso, aquilo. Na minha época nem todos trabalhavam né? Nem todas as mulheres trabalhavam, mas eu sempre... nunca imaginei minha vida: 'ah não, eu não vou trabalhar, vou viver nas costas de marido'... nunca pensei nisso não, sabe? (HELENA)

Matemática é linguagem, é ciência, é tecnologia, é poesia, ela tem umas teorias assim tão abstratas, são voos assim maravilhosos e ela deu muito do que eu sou hoje, porque não parece, mas eu sou muito sensível e eu devo a matemática um

equilíbrio entre o meu coração e a minha mente. Sabe? Porque quando eu fico muito sensível, até, hoje, depois de burra velha, que me dá vontade assim de chorar, quando eu vejo um negócio triste eu digo: 'ah pera aí, vamos ver, quer chorar, mas vai ter tempo de parar'. Porque não é assim, a vida não é fácil a vida é difícil, então isso de você organizar o seu pensamento, eu acho que foi a matemática que me deu, agora não sei se eu faria novamente magistério. Aqui no Brasil certamente eu não faria magistério, é desvalorizado. (BIANCA)

Leda também traz em sua narrativa que mesmo vindo de uma família onde a mulher ficava em casa, sempre quis ter sua independência, destacando que o trabalho a propiciou isto:

Eu, por exemplo, vi a minha mãe... nunca trabalhou, ou aliás, trabalhou quando conheceu meu pai depois ela parou de trabalhar e nunca mais trabalhou. E ela me falava... você tem que estudar, para não ficar assim como eu, que dependi do seu pai a vida toda, nunca tive minha vida própria. E isso me marcou num sentimento de que o trabalho é algo importante para conquistar independência,

tanto que eu tinha três filhos e me separei com três filhos pequenos e trabalhava, tinha meu salário, se fosse depender do meu ex-marido eu tava “ferrada”. Então isso eu acho que para mim, sempre foi muito importante, o trabalho para minha independência, mas é... fora isso... acho que é isso... O trabalho é muito importante também, mas tem seu limite, ou seja, chega uma hora que eu cansei, trabalhei até os 70... acho que já é o bastante né? (LEDA)

A narrativa das três mulheres traz consigo a conotação do trabalho como algo libertador, principalmente na época em que estudaram, se formaram e iniciaram a vida laboral. Helena diz que apesar de sua mãe não ter tido uma profissão, a incentivou a trabalhar e não optar por apenas cuidar de casa e ressalta que, para a época, isto era algo bastante diferente. Bianca traz em seu relato o equilíbrio para a mente que o trabalho

trouxe a ela, uma forma de se organizar psiquicamente para enfrentar os sofrimentos inerentes às condições humanas. Leda marca o trabalho como uma independência financeira, pois ela é estrangeira, vivia no Brasil com três filhos e se separou do marido que não a ajudou na criação dos filhos. Assim, o trabalho trouxe uma sustentação de forma ampla para ela e para a família. Pode-se perceber que para elas o trabalho tem um caráter emancipatório e libertário, com grande importância em suas vidas.

Todavia, alguns entrevistados mencionaram em suas narrativas algo que nos permite questionar a centralidade do trabalho, em linha com a ideia defendida por Freud (1930) da aversão natural do homem ao trabalho, em que afirma que os indivíduos não se esforçam para ter satisfação no trabalho como se esforçam em outras dimensões da vida.

Gilson, ao expor sua percepção sobre o trabalho, não faz distinção de vida sem trabalho, mas não no sentido da centralidade, mas da obrigação:

Olha, não dá pra saber se eu gostava ou não gostava, era essa a vida, a vida era o trabalho. Então não tinha se gosta, se não gosta. Você trabalha só. Você trabalha porque sempre trabalhou e todos trabalham, então não tem que gostar de trabalhar, não tinha gostar de trabalhar ou não gostar de trabalhar. E não tinha opção de não trabalhar, então se trabalha. (GILSON)

Olha, sem se perguntar muito, é o trabalho. Não há que se perguntar se gosta ou não gosta, é o trabalho e se tem uma remuneração por ele e se não tiver remuneração, não tem trabalho. Então o que te atrai no trabalho? Ah é o gosto pela atividade? Não, a remuneração. O ganho que eu tenho fazendo o trabalho.

Ah e se não tiver remuneração, aí acabou, aí eu não quero fazer nada. Prefiro não fazer nada. (GILSON)

Pedro não diz gostar do trabalho, coloca que apenas se adaptou a fazer algo que era necessário. Da mesma forma, Helena: “não sei se gostava ou não, gostava.... o que era, era o trabalho que tinha que fazer. Talvez eu preferisse estudar idiomas do que fazer o que eu fazia, mas era o trabalho”. Já na narrativa do Gilson percebe-se o conceito de que se não tiver remuneração não tem trabalho. Mesmo colocando o trabalho inerente à vida, ele não o coloca em papel de para, pois como ele encerra: se não tiver pagamento, prefere não fazer nada. No caso dos outros dois entrevistados, o trabalho já é mais declarado como uma obrigação, ou seja, se fosse possível, eles prefeririam fazer outra coisa. Para Clot (2007), mesmo afirmando que o trabalho tem papel central na vida das pessoas, sendo formador da identidade do sujeito, não se pode negar que é trabalhando que se tem a experiência

dolorosa e decisiva do real. O autor afirma que esta vivência pode ser marcada por meio da obrigação de realizar a tarefa e de ser cobrado e controlado no trabalho. Assim, para algumas pessoas como os entrevistados acima, trabalhar pode não ser algo confortável e prazeroso.

Felipe e Aloísio colocam o trabalho como algo fundamental para o sentido da vida do homem. Aloísio fala muitas vezes em sua narrativa que o trabalho é a coisa mais importante na vida do homem, que um homem sem trabalho, é um homem que não vive. Ele conta a história que quando se casou, pediu que sua esposa deixasse o trabalho para cuidar apenas da casa e narra que ela adoeceu e, por recomendações médicas, voltou ao trabalho e se reorganizou psicologicamente. Para enfatizar como vê o trabalho, narra seu sentimento sobre alguém sem trabalho:

Eu, quando eu vejo uma pessoa desempregada me dá uma tristeza, porque uma pessoa desempregada ele perde tudo, ele perde o estímulo, ele perde a esperança, ele perde tudo. Trabalho é esperança, energia. Então é o seguinte, você tem que trabalhar, o homem nasceu pra trabalhar. O homem no ócio é um perigo, ele pode até cair na marginalidade e pode cair na depressão, eu conheço pessoas, amigos meus que depois que se aposentaram ficaram sem atividade, entraram em depressão e morreram. (ALOÍSIO)

Da mesma forma, para Felipe:

Um homem sem trabalho acho que não tem vida, não tem valor, não tem objetivo. Trabalho pro homem é, realização do homem é trabalhar (...) pensar em serviço, eu fui lá trabalhei e voltei e tô tranquilo (...) eu fico satisfeito, eu fui ver lá agora foi o que eu fiz. (...) faço até hoje, fiz buraco, botei tijolo, botei concreto, botei... é realização minha eu gosto de fazer isso aí. (FELIPE)

Dejours (2012b) aponta que para muitas pessoas o trabalho é o que traz dignidade ao homem e muitos tendem a pensar que estar desempregado atinge a sua moral como ser humano.

De acordo com pesquisa desenvolvida por Coutinho (2009) o trabalho surge como central na vida dos indivíduos. Da mesma forma, foi visto no presente estudo, que os entrevistados, em sua maior parte, são a evidência que a sociedade ocidental é a sociedade do trabalho. A vida de cada um deles aconteceu nos intervalos do trabalhar.

O trabalho tem ainda uma função de manutenção financeira, é visto como uma questão moral, uma emancipação especialmente para as mulheres, e também uma forma de preenchimento do vazio existencial.

PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO

Nesta categoria buscou-se aprofundar a discussão da relação de sofrimento e prazer no trabalho. Vale ressaltar que, como foram entrevistados aposentados, a visão do trabalho já é diferente do que de muitos estudos nos quais o sujeito está no meio do tempo de vida laboral. Neste momento, a investigação foi realizada com pessoas que já

trabalharam muitos anos de sua vida e veem o trabalho de um lugar diferente no momento.

Mendes e Araújo (2012) argumentam que o trabalho é regido pelo princípio de realidade e, com isso, o sujeito é convocado a se encontrar com o real, deparando-se com o fracasso e trazendo à tona o sofrimento. Dejours (2012a) faz uma reflexão neste sentido dizendo que este é o preço pago por trabalhar, o encontro com a lei, o limite, a castração. No entanto, se o sujeito suporta vivenciar o princípio de realidade imposto pelo trabalho, ele tem a chance de encontrar nele, a realização de objetivos de sua vida, o prazer e uma fonte de sublimação das angústias existenciais. Neste sentido, no presente estudo define-se o trabalho como uma atividade profissional e também psíquica.

(...) meu trabalho sempre foi bom... fora do exército né, porque no exército ou você faz ou você faz né, então dentro dessas atividades sempre foi uma novidade pra nós tá certo, e tinha aquele comprometimento, eu agradeço muito as pessoas com quem eu trabalhei, pessoas mais enérgicas, mais comprometidas com horário e com isso eu fui moldando a minha imagem e hoje eu sou um camarada que eu não tenho, apesar de eu não bater ponto nem nada, mas eu sou um cidadão que chega antes do ponto aqui tá certo, então o pessoal fica surpreso que antes da hora eu tô aqui, se houver necessidade eu fico até depois da hora, não tem problema, mas eu não tenho nem hora pra entrar nem hora pra sair. (CARLOS)

Eu vibrava! Eu adorava trabalhar! Eu queria sempre aprender mais, eu queria sempre... É... Fazendo cursos... O Tribunal levava a gente. A gente ficava 15 dias lá em Belo Horizonte para aprender a gerência, aquela coisa toda... Atendimento ao

público que a gente estudava com isso a relação interpessoal... Adorava isso! Adorava aprender fazer essas coisas... É... Aprimorar o meu trabalho. Chegar assim e olhar, ver o quê que "tava" ...é... Reunir o pessoal e aceitar a opinião de todo mundo pra gente melhorar o... O ambiente de trabalho, o andamento do trabalho pra que a gente não falhasse, entendeu? Mas não tem jeito isso acontece em qualquer trabalho, o erro a falha. Tudo, às vezes, é muito dificultoso porque quando você é funcionário público você não tem é... Material direito para trabalhar, entendeu? Você não tem é... Gente para trabalhar. Mas quando conseguimos passar as dificuldades e vemos que somos capazes, engrandece a gente. (ROGÉRIO)

As narrativas acima ilustram o que Dejours (2012a) chama de encontro com o real que o trabalho proporciona. Quando Rogério menciona que o trabalho proporcionava cursos para melhorar o desempenho, ou seja, uma cobrança para serem melhores, e que mesmo com todo investimento ainda ocorriam erros e fracassos pois eles são humanos, ele está se referindo à necessidade de lidar com a frustração do real. Superadas as dificuldades eles se sentiam engrandecidos, ou seja, é o reconhecimento do trabalho realizado e do desafio superado. Este é o preço pago por trabalhar, se frustrar, ter desafios

e fracassos, porém ter a possibilidade de superar e engrandecer a própria subjetividade. Da mesma forma diz Carlos, que ter trabalhado com pessoas enérgicas, comprometidas, proporcionou a ele uma experiência profissional positiva, ou seja, por meio das exigências e encontro com a realidade imposta pelo trabalho ele sente que se desenvolveu e se tornou uma pessoa melhor profissionalmente.

Helena e Gilson dizem gostar do trabalho, mas nada com muito entusiasmo. Helena menciona um gostar tímido e logo depois afirma que não adorava, comenta talvez ter escolhido outra profissão se pensasse com a cabeça que ela tem atualmente. Da mesma forma Gilson afirma não ter uma relação de sofrimento, mas que final de semana e férias eram esperadas.

Eu gostava de trabalhar, gostava... não adorava, não! Sabe, é... não sei, talvez se fosse hoje eu tivesse seguido uma outra profissão, talvez engenharia de produção. Não sei... ou diplomacia... não sei. Na época eram aquelas profissões clássicas né, você tinha que escolher entre uma delas né, mas assim eu gostava do meu trabalho. (HELENA)

Não era de sofrimento, mas o feriado era sempre bem-vindo. Era bom de verdade, então quando não tinha que trabalhar gostava muito. Mas também não era sofrido o trabalho, não tinha sofrimento. Era rotina. E gostava do que fazia? Olha, era o que tinha pro almoço. É bom que não desgoste, pois se não sofre. Então não

tinha gostar ou não gostar do trabalho, a atividade em si, não é uma atividade penosa, mas entre o trabalho e o lazer, o lazer sempre tem preferência. (GILSON)

Este sentimento de ambivalência em relação ao trabalho foi evidenciado por Dejours (2012a) mencionando que ao mesmo tempo, o trabalho pode ser fonte de prazer, realização e convívio e outros sentimentos como exaustão e sofrimento. Por isto, os entrevistados se veem divididos em afirmar prazer ou sofrimento, pois os sentimentos são ambivalentes e contraditórios quando se trata sobre o tema. Gilson se mostra em várias narrativas confuso ao expressar se gosta ou não do trabalho, diante da obrigação de ter que trabalhar, ele sempre afirma, não tem que gostar ou não, tinha que fazer, então para quê pensar se gosta.

Outra ambivalência evidenciada foi do Mauro, exaltando seu entusiasmo de trabalhar e na sequência chorou na entrevista ao se lembrar do quanto o trabalho o absorveu e ele acabou perdendo muitos momentos com seus filhos. Ao final da narrativa

ainda chama o trabalho de luta, e naturaliza a luta e absorção do trabalho dizendo que acontece com todo mundo, então é normal. Dejours, Abdoucheli e Jayet (2015) impõem que o sofrer no trabalho vai sendo naturalizado e o sujeito não vê possibilidades de ser diferente. No caso de Mauro, já aposentado e sem trabalhar, ele ainda afirma não ter outro jeito e que a vida é assim mesmo.

Nossa...! Eu adorava! Eu mexia com engenharia. Eu, conforme te falei, eu queria engenharia mecânica, não fiz, fiz civil e, na civil, me dei muito bem. Mexia com obra. Adorava fazer obra. No período que eu trabalhei em obra, nossa senhora, eu ia com o maior prazer pra obra, eu... ah, adorava fazer o que eu fazia. Sete horas da manhã eu tava no canteiro de obras pra eu acompanhar fundação, que é o mais importante numa obra, né? Então era fazer com o maior... ih... com o maior gosto né? Nunca fui pro meu trabalho como sacrifício... (MAURO)

Tem que aproveitar enquanto os filhos estão pequenos, curtir muito, porque eu não tive tanto... O trabalho absorveu... [emocionado, Mauro chorou] absorveu muito... então eu não tive, é... Desculpa. Aí a gente vai lembrando né? Vai trazendo memórias dessas coisas. Então o tempo passa e você não vê. Você fica muito absorvido no trabalho. O trabalho te absorve muito. Entendeu? Absorve muito. (...) então você... Você não aproveita... Eu acho que isso é natural, o trabalho absorve todo mundo né? Não é só a mim, todo mundo. Então a gente vai lutando ali naquela luta de trabalho, e o tempo passa, você não vê. (MAURO)

Para a maior parte dos entrevistados, o trabalho foi relacionado ao prazer, utilizando expressões como “eu gostava muito”, “adorava”, “era prazeroso”, “sempre gostei de trabalhar”, “nunca pensei em aposentar”. E até os entrevistados que não se mostraram entusiasmados, também não relataram apenas fonte de sofrimento no trabalho. Neste sentido que optou-se por investigar esses temas com pessoas já aposentadas e verificar como eram vividas essas emoções no momento em que trabalhavam.

TRABALHO, O LAÇO SOCIAL E A EXCLUSÃO SOCIAL

O trabalho tem uma centralidade psíquica e social na vida do sujeito (MENDES; ARAÚJO, 2012). O laço social que o trabalho proporciona é evidenciado por diversos autores deste estudo, por isto nesta categoria *a priori*, procurou-se investigar se o laço

social tinha sido vivenciado pelos entrevistados e se a aposentadoria traz consigo a sensação de exclusão. Deve-se considerar, nesta análise, que para Freud (1930) o trabalho desloca energia libidinal de diversas instâncias da psique para os relacionamentos e que para Bendassolli e Soboll (2011) o trabalho é uma atividade simbólica e constitutiva do laço social, uma atividade social que vai além da tarefa.

Desta forma, optou-se nesta categoria por explorar os laços sociais estabelecidos pelos sujeitos no trabalho, assim como a exclusão social marcada pelos sujeitos oriunda da aposentadoria. Estas duas posições sociais, seja o convívio ou a exclusão, apareceram de formas entrelaçadas, não sendo possível separar uma da outra.

Em relação ao laço social proporcionado pelo trabalho, Laura conta que ao se aposentar sentiu que: “a maior perda foi o convívio social”. Bianca segue a mesma linha ao apontar a falta que sente dos colegas, e do afastamento deles após a aposentadoria. As narrativas das entrevistadas vão ao encontro do que diz Dejours (2012a) quando o autor menciona que o trabalho não se resume apenas a uma atividade, é também uma relação social, é experimentação do mundo social. É importante destacar, neste sentido, que as duas entrevistadas têm filhos e se mostraram felizes de poderem se dedicar mais a eles com a aposentadoria, no entanto não deixaram de se sentirem excluídas ao pararem de trabalhar.

Felipe também traz em sua narrativa: “sinto a falta, não do serviço e da chefia, e sim dos amigos”. Ele menciona sobre a cumplicidade com os colegas de trabalho, onde em suas viagens como maquinistas, ficavam fora de casa muitos dias, dividiam dormitório, conversavam e jogavam baralho na copa e compartilhavam prazeres, sofrimentos e defesas como mencionam Mendes e Araújo, (2012). Gaulejac (2007) fala do trabalho como uma obra coletiva e uma oportunidade de convívio com as pessoas. O entrevistado ilustra esta fala mostrando que mesmo depois de aposentarem, o grupo faz questão de se encontrar, deixando claro que esta é a parte que sente mais saudade com a aposentadoria, o convívio social.

Elder comenta também sobre o convívio: “saí tranquilo, a gente sente falta dos colegas, mas eu voltava sempre lá pra bater um papo, depois o pessoal foi aposentando também e hoje, tem gente que tá lá que eu nem conheço mais”. E Paulo acrescenta:

E outra coisa porque não aposentei, eu ia ficar muito solitário em casa. Aqui eu tenho amigos, eu converso muito, tem os estagiários, eu brinco muito com eles. Chegou um estagiário novo a gente fica brincando e tal, até para ele se sentir mais à vontade. E faço amizade, procuro ajudar. (PAULO)

Em relação à exclusão social narrada pelos entrevistados, Marcela traz esta percepção de exclusão, na mesma linha da fala da Leda e Sávio:

Com certeza tem esta parte social, é a mais importante do trabalho! ‘Pelas primeiras vezes que eu voltei ao banco sabe aquela coisa que era uma família, todo mundo alegre, todo mundo amigo e quando você volta... você é outra pessoa. Aí é uma empresa. Aí eu vi que aposentou já muda de figura, você fica excluída. (...) Acabou. Eu tenho medo disso... desse acabou! Ah, eu sinto muita necessidade ainda assim: de convívio, de participação, eu tenho medo disso acabar. E eu ficaria muito infeliz se soubesse que alguém se esqueceu de mim. (MARCELA)

É... Perdi o contato com colegas, com alunos, isso realmente isso sim gerou um pouco vazio, as vezes eu fico brincando com a empregada meu telefone não toca mais, antes tocava o tempo inteiro. É... até pensei que com colegas ia ficar mais amizades, mas a vida vai separando, isso aí eu sinto falta... do contato com alunos, com colegas... eu sinto falta. (LEDA)

É, você não estando em atividade, isola. A não ser se você permanecer nos acontecimentos sociais, mas do trabalho, você no trabalho você tem um vínculo muito grande, é com empregado, é com freguês, é com o sócio, é com o fornecedor. Então toda hora você tá em atividade. É um ciclo que nunca se fecha, agora depois que aposentou, parece que o ciclo fechou. Esse é o drama, se sentir excluído. (SÁVIO)

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) trazem que o convívio social e a possibilidade de relacionar-se com outras pessoas são razões importantes que fazem o sujeito ter um trabalho. Marcela conta que ao retornar ao antigo trabalho para visitar quando se aposentou, sentiu-se excluída, como não pertencente àquele lugar mais. Ela ainda deixa uma fala sobre ter medo “deste acabou”, mencionando sobre a finitude tão temida que aparece com o fim do trabalho e agora com a possibilidade do fim do convívio social. Leda narra um vazio deixado pela não procura dos alunos e colegas que ela imaginava que

poderia manter contato e amizade, ou seja, o convívio social de alguma forma ajuda a não deixar evidente essas lacunas existenciais dos indivíduos. Sávio se mostra com sentimento de exclusão e de não ser importante mais.

Trabalhar foi uma possibilidade narrada de estar socialmente incluído, caso contrário, a exclusão foi sentida pelos entrevistados e com isso, estar sem o trabalho traz uma ruptura social para o sujeito, sendo a mesma sentida por todos os entrevistados.

TRABALHO COMO FONTE DE SUBLIMAÇÃO

A categoria trabalho como fonte de sublimação evidenciou a importância mencionada do trabalho na ajuda para lidar com questões da vida e do cotidiano,

realizando a descarga de energia psíquica, trazendo equilíbrio e prazer ao sujeito, ou um mínimo de conforto para prosseguir na caminhada da vida (FREUD, 1930).

No entanto, já foi evidenciado neste estudo que o trabalho coloca o sujeito em confronto com o real e isto o faz encontrar a sensação de fracasso. Porém, ao trabalhar e mobilizar a subjetividade, o aparelho psíquico se utiliza deste esforço para dar um dos destinos previstos das pulsões sexuais que é a sublimação. Como explica Dejours (2012a):

O prazer no trabalho passa pelo confronto com a resistência do real, a qual oferece de início o nascimento da experiência subjetiva e afetiva do fracasso que revela da desagregação e provoca a excitação. A mobilização da inteligência do corpo abre uma via em que a provação da subjetividade é procurada na elaboração, ou seja, na ligação pelo pensamento. A economia do livre esforço é da alçada da sublimação pulsional e do gozo, ou seja, um gozo secundário, um gozo que procede do que advirá e da volúpia do Eu que se amplia. (DEJOURS, 2012a p. 157)

Júlio expressa em sua fala como o trabalho o ajuda a não ficar pensando em “alguma coisa fora” mantendo o foco no que está fazendo:

(...) aqui a gente ainda tem tanta atividade, que não dá muito tempo da gente pensar em alguma coisa fora, um problema, um sofrimento... é o que eu te falo, meu trabalho não é um trabalho de assim uma coisa só, de repente abre uma porta, uma coisa nova aqui, uma coisa nova lá, diretor quer uma coisa aqui outro

quer lá, alguém te pergunta uma coisa. Aí você tem que ficar o tempo todo naquilo ali estudando, você passa ali um período focado naquela, focado naquele problema tentando ter um resultado, entendeu? (JÚLIO)

Da mesma forma, José fala da contribuição que o trabalho traz para que ele não fique “pensando bobagem”:

Essas atividades fazem com que eu não fique pensando bobagem. Porque cemitério vazio é oficina do demônio. Eu acho que você tendo uma atividade ela preenche a tua vida, porque as vezes você tem problemas como todo mundo, mas a gente enfrenta de maneira diferente. Quando você entra na sala de aula você já... Seus problemas desaparecem você se concentra naquela atividade e vai fazendo isso diariamente, aliviando as coisas da vida. (JOSÉ)

Os dois entrevistados, sem se apropriarem do termo técnico, atrelam o trabalho a uma fonte de sublimação que os ajudam a ocupar suas mentes e passarem pelos desafios da existência humana. Júlio deixa isto claro ao explicar que o trabalho o coloca diante de várias atividades o tempo todo, ajudando-o a não lembrar dos problemas e sofrimentos,

que ele também chama de “alguma coisa fora”. José afirma que quem tem um trabalho consegue passar pelos problemas da vida de forma diferente e exemplifica dizendo que quando entra em sala de aula, ou seja, inicia seu trabalho, “os problemas desaparecem”, “aliviando as coisas da vida”. Na verdade, esta é a forma dele expressar o processo de sublimação que ocorre ao trabalhar, onde ele tem a sensação do problema sumir. Ou seja, é uma forma de permitir a psique elaborar os acontecimentos enquanto o sujeito foca sua atenção em outra coisa. Tal estado provoca uma sensação de alívio, que seria a descarga psíquica de energias pulsionais, trazendo uma sensação de bem-estar e satisfação, exemplificando o que Mendes (1995) argumenta sobre a importância do trabalho como fonte sublimatória das angústias existenciais e também como mantenedor do equilíbrio mente e corpo para o sujeito.

Dalva conta que seu marido faleceu quando ela era muito nova e suas duas filhas tinham 1 e 3 anos. Na narrativa faz questão de evidenciar como o trabalho a ajudou a vivenciar este período turbulento em sua vida.

(...) tive aquela licença e depois quando perdi meu marido em 76 eu retornei dois meses depois que ele havia morrido eu retornei por necessidade e dupla

necessidade, eu achei, eu cheguei nessa conclusão sozinha seria a forma que eu preencheria minha vida, preencheria minha cabeça com outras coisas pra não ter nenhum tipo de problema, que eu tinha que ser muito forte pra continuar na minha luta com minhas filhas de 3 e 1 ano. Então eu falei vou trabalhar porque aí eu preencho esse lado, foi ótimo! Muito Bom! Eu não tenho a menor dúvida que o trabalho me ajudou a passar por este período. (...) então pra mim era tipo relaxamento, então na minha horinha de trabalho eu aliviava isso e pedia muito a Deus pra me mostrar o melhor caminho pra conduzir. (DALVA)

A entrevistada ressalta que a primeira coisa que fez por vontade própria, após a morte do marido, foi retornar ao trabalho do qual se encontrava licenciada. E diz que foi lá que viveu o luto da perda e se reergueu para seguir a vida e cuidar das filhas, sozinha. Desta forma, a atividade laboral contribuiu para a transição do que ela era, esposa e mãe de duas filhas para viúva, trabalhadora e mãe solo de duas filhas. Freud (1930 p.88) expõe que “A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de forças pulsionais persistentes ou constitucionalmente reforçadas”. Este trecho da citação de Freud explica o que Dalva trouxe narrando sua história, onde expõe que, espontaneamente, quis retornar ao trabalho após sua licença por acreditar que trabalhar a ajudaria a superar o sofrimento. Freud (1930) explica que o trabalho que é realizado por vontade do sujeito traz esta possibilidade de sublimação através de forças pulsionais que eram dirigidas para figuras parentais a fim de satisfação imediata, para uma atividade social que se satisfaz de forma mais altruísta.

Para Marcela, “Uma das coisas que me dá muito medo e que enquanto eu estou trabalhando eu não penso: é ficar sem a minha mãe! Eu não comento isso com as pessoas, mas é uma coisa que me perturba”. E ela continua a narrativa:

Ah eu não gosto de pensar no futuro não. No início da nossa conversa aqui eu te falei isso. Que eu gosto mesmo de viver hoje. Tá? A única coisa que faço, eu sou espírita. A única coisa que eu procuro fazer é ter uma vida boa, digna pra eu merecer alguma coisa boa. Eu não tenho filhos, eu não casei. Eu tenho sobrinho. Mesmo filho não quer dizer nada né? Então eu, claro, eu tenho uma certa preocupação de ficar sozinha, né? Um dos motivos também que eu trabalho é que enquanto eu estou aqui eu não penso em outra coisa, eu não consigo pensar em outra coisa. né? Você fica centrada no que você tá fazendo. E claro você tem momentos assim mais folgados e tal. Mas, eu não é, como que se fala? Eu não fico pensando em outras coisas. (MARCELA)

É possível perceber na fala da entrevistada, o papel sublimatório que o trabalho exerce em sua vida ao demonstrar que trabalhando se sente menos perturbada do medo de sua mãe morrer, medo de ficar sozinha e do medo de não “merecer alguma coisa boa” após a morte. Pode-se perceber nesta categoria, que mesmo sem utilizar o termo sublimação, os entrevistados mostraram claramente como o trabalho os ajudaram a passar por momentos difíceis e continua contribuindo, trazendo uma ocupação para a mente e um conforto para o aparelho psíquico do sujeito.

Conclui-se esta categoria com a ideia de Dejours (2012b) exposta no livro Trabalho Vivo, que ao pesquisar sobre o trabalho na vida do sujeito, o autor encontrou também o trabalho psíquico e expôs que o trabalho vivo não tem um fim apenas em produzir e sim também de transformar-se a si próprio. Essa conversão pode ser chamada de sublimação, ampliando a subjetividade e possibilitando a realização de si mesmo, ou seja, realização do próprio indivíduo com aquilo que faz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises da pesquisa permitem identificar, como visto na literatura, o quão importante e formador da identidade do sujeito é o trabalho, dando uma ideia latente de centralidade. É no trabalho e por meio dele que o indivíduo se inscreve na sociedade realizando seu projeto de ser no mundo, ou seja, é a partir do que ela trabalha, realiza e constrói que se torna alguém. Para muitos entrevistados não existe vida sem trabalho, sem ‘aquilo’ que equilibra a psique e as atividades cotidianas, trazendo emancipação e independência para o indivíduo. Visto como uma obrigação moral do homem e uma forma de não envelhecer, mantendo-se ativo e produtivo, o trabalho torna-se o meio do qual o sujeito se utiliza para preencher também seu vazio existencial.

O trabalho ainda foi mencionado como fonte de prazer e sofrimento pelos entrevistados, ressaltando que mesmo o sujeito tendo uma relação prazerosa com o trabalhar e com o trabalho, isto não quer dizer que não existam sofrimentos e angústias a serem enfrentados. A vocação do sujeito para o tipo de trabalho que executa foi ressaltada

como fundamental para que o mesmo seja fonte de satisfação e sublimação, não sendo possível então, de antemão, afirmar que o trabalho é fonte de prazer ou sofrimento. Essa investigação deve ser feita para cada pessoa individualmente. Em relação à sublimação trazida pelo trabalhar, foi descrito pelos sujeitos que o trabalho contribui para que a pessoa possa suportar os desafios existenciais inerentes à vida. Nele é possível transformar sofrimento em prazer, fazendo uma descarga de energia psíquica que tende ao equilíbrio, trazendo uma ocupação para a mente do indivíduo. Diante da centralidade psíquica e social que tem o trabalho, foi constatado que esta atividade é responsável por muitos laços sociais formados ao longo da vida das pessoas. A aposentadoria traz, assim, uma representativa sensação de exclusão social, a partir da perda do convívio com as outras pessoas, acarretando uma morte social do sujeito.

Como sugestão de futuras pesquisas, indica-se a investigação dos sentidos do trabalho para as pessoas em atividade laboral e a mesma investigação, para as mesmas pessoas, depois de se aposentarem, a fim de verificar se o trabalho ao mudar de lugar na vida do indivíduo, muda também sua percepção e sentido atribuído a ele.

REFERENCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Unicamp, 1999.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editorial Boitempo, 2000.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento – evitando confusões. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 59-72, 1 jun. 2011.
(a)

CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Tradução: Adail Sobral. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189-202, 1 dez. 2009.

DEJOURS, D. Subjetividade, Trabalho e Ação. **Revista Produção**. ABEPRO, v.14, n.3, p.027-034 Set./Dez, 2004.

DEJOURS, D. **Trabalho Vivo – Sexualidade e Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012a.

DEJOURS, D. **Trabalho Vivo – Trabalho e Emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012b.

DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho, contribuições da escola dejouriana à análise da relação de prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2015.

FERREIRA, J. B.; MACÊDO, K. B.; MARTINS, S. R. Real do Trabalho, Sublimação e Subjetivação. IN: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. **Trabalho e Prazer – teorias, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, 2015.

FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1920)

FREUD, S. **O mal estar na Civilização**. In: Edição Standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, Vol. XXI (1929-1930). Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Trabalho original publicado em 1930)

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. 1a ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Org.), **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MENDES, A. M.; ARAÚJO, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho – O Sujeito em Ação**. Curitiba: Juruá, 2012.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2016.

MORAES, R. D. Trabalho e Emancipação: um olhar da psicodinâmica do trabalho. IN: MORAES, R. D.; VASCONCELOS, A. C. L. **Trabalho & Emancipação - A Potência da Escuta Clínica**. Curitiba: Juruá, 2015.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. Jul./Set. v. 41, n. 3, Jul./Set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf>. Acesso em: 20 ago 2018.

MORIN, E. M.; TONELLI, M. J.e PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais...** Atibaia, SP, Brasil, 2003.

RONCHI, C. C. **Narcisismo nas Organizações - O Drama do Individualismo no Mundo do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2016.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, ano 22, p. 203-220, ago/dez. 2014.